

Eles e Elas

!

O dia seguinte

Aconteceu que Renato e Roberta abriram os olhos ao mesmo tempo. Era meio-dia. Algum ruído da rua deve ter acordado os dois, não sei. O fato é que os dois acordaram juntos. Suas caras a centímetros uma da outra. Frente a frente. Agora, primeiro de janeiro.

Os dois estavam nus, na mesma cama, sob o mesmo lençol, e nenhum dos dois sabia como tinha chegado ali e quem era o outro. Ficaram se olhando por um bom minuto e meio, piscando. Quem falou primeiro foi a Roberta. Disse:

— Oi.

— Oi — disse o Renato.

Silêncio. Depois Roberta olhou em volta e perguntou: — Seu apartamento?

Renato também olhou em volta antes de dizer:

— Acho que não...

Roberta estendeu a mão.

— Roberta.

— Renato.

Tentaram fazer uma reconstituição da noite. Tinham ido a réveillons diferentes. Bairros diferentes, inclusive. A última coisa que Renato se lembrava era de ter gritado de uma janela, à meia-noite, “Um ano do cacete pra todo mundo!”. A última coisa que Roberta se lembrava era de estar deitada no chão abraçada a uma garrafa de champanhe, resistindo a todas as tentativas de tirá-la dos seus braços. Onde podiam ter se encontrado? Não frequentavam os mesmos lugares. Seus respectivos grupos de amigos não batiam. Suas famílias certamente não se conheciam. Tinham mais ou menos a mesma idade, mas as afinidades terminavam aí. Chegaram ao que parecia ser uma referência comum, um tal de Rocha, mas depois descobriram que não era o mesmo Rocha. Clube, bairro, faculdade, trabalho, nada fechava. Era como se vivessem em civilizações diferentes. Mundos à parte.

Nenhuma identidade tribal explicava estarem ali, nus, na mesma cama. Nada. Nem seita, nem passatempo (ele coleção de selos, ela ginástica rítmica) nem preferências musicais (ele Caetano, MPB em geral, alguma coisa do jazz, ela rock) ou literárias (policiais, Paulo Coelho). A única coisa que tinham em comum era que nenhum dos dois estava acostumado a beber, e os dois eram meio tímidos. Não sabiam por que tinham bebido tanto naquele fim de ano. A proximidade do milênio, talvez fosse isso. Não, ele não tinha namorada. Ela tinha brigado com o seu namorado em junho. Onde tinham se encontrado? Era inútil. Ficaram uma hora tentando se lembrar, e tentando sincronizar suas biografias. Não conseguiram. Depois, pelo que eu soube, eles tiveram dois problemas. Um: ele sugeriu, meio sem jeito, que já que estavam ali, nus, na mesma cama... e ela reagiu, indignada, dizendo que afinal nem se conheciam. Dois: discutiram para saber quem se enrolaria no lençol para sair da cama sem que o outro visse a sua nudez, comprometendo-se a não olhar para trás e ver a nudez desprotegida do outro desconhecido.

Ela ganhou. Quando estavam saindo do apartamento, viram que tinha um homem dormindo no sofá, de boca aberta. Ela não queria, mas ele acordou o homem. Para saber, pelo menos, onde estavam. O homem levantou-se num sobressalto. Olhou para os dois, depois olhou na direção do quarto.

— Posso ir pra minha cama? — disse, se afastando.

— Espere — disse Renato. — Quem é você?

O homem nem se virou para responder.

— Romão.

Depois parou, pensou um pouco e, ainda sem se virar, corrigiu.

— Romão, não. Ramão. Por aí.

E entrou no quarto, resmungando:

— Que Ano-novo!

— Amigo seu? — perguntou Renato para Roberta.

— Nunca vi — disse Roberta.

Os dois saíram do apartamento, hesitaram — se beijavam nas faces ou não? — e depois foi cada um para o seu lado.